

# 1

## Introdução

A sociedade contemporânea vem experimentando, especialmente ao longo das últimas décadas, uma série de grandes e rápidas transformações socioeconômicas que resultam em novas configurações no que diz respeito à família, à sexualidade, aos papéis de gênero, à maternidade e à paternidade. Convivemos hoje com uma pluralidade de formas conjugais e familiares. A velocidade destas mudanças é incomum, pois, segundo Jablonski (2003), se pensarmos na Idade Média, por exemplo, cinco ou mais gerações poderiam viver sem assistir a grandes mudanças. As transformações atuais atingem, de maneira mais ou menos direta, a todos nós. Conforme coloca Lowenkron (2001), não seria ousado dizer que tais mudanças sejam especialmente inquietantes, porque nos tocam muito diretamente, alterando nossa identidade social. No século XX, assistiu-se a um movimento constante de grandes alterações em valores, práticas e papéis, com uma procura acentuada pelo novo e a conseqüente rejeição pelo antigo.

Dentro deste panorama, uma das mais importantes transformações na subjetividade contemporânea diz respeito à mudança na representação da família, sobretudo no que tange o conceito de casamento e conjugalidade. Giddens (1992) aponta que, de todas as transformações que ocorrem nas sociedades, as mais importantes são aquelas que acontecem na esfera da vida privada, ou seja, na sexualidade, nas relações, na família e no casamento. Assim como a família, o casamento é, sem dúvida, uma instituição em transformação. É um tema instigante de se discutir, como sugere Samara (1987), seja pela contemporaneidade da discussão, seja pelo envolvimento próprio dos pesquisadores.

O tema do amor e do casamento é universal, e certamente um dos assuntos mais atraentes e abordados pela mídia contemporânea, seja teatro, cinema, literatura ou televisão. Amor, sexo, namoro, casamento, enfim, as relações entre homens e mulheres vêm sendo cada vez mais destacadas na mídia. Não apenas se produz exaustivamente mídia sobre este tema, mas também é comum se ver profissionais, das mais diversas áreas de formação, falando do assunto, como vemos freqüentemente em jornais, revistas e programas de televisão.

O que a mídia nos oferece como ideal num relacionamento amoroso seria maravilhoso, se fosse alcançável: um amor “hollywoodiano”, onde as almas gêmeas se encontram e onde só há paixão e felicidade, sem nenhum espaço para desentendimentos e decepções. Conforme escreve Vilhena (1998),

uma rápida olhada na indústria da cultura mostra-nos como o encontro da alma gêmea é vinculado, de forma maciça, com a solução para todos os males. O amor como tema central da felicidade moderna é presença obrigatória como meio de acesso à singularização e à felicidade (p.70).

Tal expectativa é muito difícil, se não impossível, de ser alcançada. E assim não há lugar para aceitarmos as muitas frustrações que inevitavelmente surgem no casamento que, sedimentado apenas pelo ideal de amor romântico, não tem condições de se sustentar.

Jablonski (2003) coloca que não há sociedade livre de contradições, mas o grau que as contradições de nossa sociedade atual estão atingindo tem colocado em questão sólidas tradições, como o casamento tradicional e os papéis de gênero a serem assumidos. Ao mesmo tempo em que aparece como uma instituição falida, o casamento se mostra como a alternativa mais freqüente no estabelecimento de um relacionamento estável. Na medida em que cresce o número de divórcios, o número de casamentos, ainda assim, permanece alto. É uma posição, a princípio, bastante contraditória, mas que nos leva a concluir que as pessoas querem casar, sim, mas talvez não saibam por quanto tempo queiram permanecer casadas (JABLONSKI, 1998). Apesar disso, há dados que sugerem um movimento, ainda que incipiente, de um investimento maior na manutenção do casamento. Embora estejamos na época do descartável e do culto ao novo e ao efêmero, as pessoas estariam se esforçando cada vez mais por uma maior durabilidade de seus casamentos. É o que Vilhena (1998) se refere por “uma certa nostalgia de tempos mais ‘regrados’” (p.66):

O que observamos então é que a família, herdeira do individualismo, sente a refração em si mesma deste mesmo individualismo exacerbado, fazendo com que cada vez mais se façam ouvir os clamores, muitas vezes nostálgicos, pela volta dos valores tradicionais, pelo respeito aos mais velhos, pelo compromisso com o outro”(p.67).

Personagem extremamente responsável por tantas transformações, a mulher, a partir das conseqüências do movimento feminista, se viu sem saber que papel desempenhar: aquele que lhe foi passado através de gerações ou este novo que lhe é agora oferecido. Da

mesma maneira se viu o homem, abalado por tantas mudanças nas relações de gênero, buscando seu papel a partir deste novo modelo de mulher libertária e igualitária. Poder, independência, agressividade, força, autoconfiança, domínio... Estes e outros termos sempre foram associados à masculinidade, certamente em oposição e como complemento a outros adjetivos que freqüentemente se aplicariam ao “sexo frágil”: sentimentais, fracas, gentis, compreensivas, emotivas, submissas, dependentes. Não podemos dizer que as iniquidades acabaram e que tais termos ainda não se aplicam, com certa freqüência, a homens e mulheres, mas é fato que as conquistas femininas acarretaram enormes transformações nas configurações sociais, econômicas, políticas, familiares e, o que aqui para nós é mais importante, nas relações conjugais.

Se pensarmos em algumas características atribuídas à contemporaneidade, como a emancipação feminina (que transformou as relações de gênero), a ênfase no individualismo e na descartabilidade, podemos questionar como se dá o casamento em um momento em que, contraditoriamente, valoriza-se a individualidade em oposição ao sentimento de familismo. É isto que propõe este trabalho: a partir do ponto de vista de que as formas como são vividos o casamento e a conjugalidade estão em constante construção, o objetivo deste estudo é analisar a representação da conjugalidade em dois textos teatrais de autores brasileiros, compreendendo-se o teatro como uma arte onde são reproduzidos valores sociais. Na sociedade contemporânea, as diversas formas de produção do drama e seu consumo em massa, tornam-no um veículo de expressão com grandes contribuições sociais.

A tentativa, portanto, é a de articular dois interesses de natureza aparentemente tão diversa: por um lado, o teatro e, por outro, o amplo debate sobre o padrão de conjugalidade na sociedade contemporânea.

Partimos do princípio de que, ao estudarmos o relacionamento humano, devemos estar atentos para a produção em áreas afins - como as representadas nos campos da antropologia, da comunicação, da literatura e da história -, posto que, conforme colocam Babo e Jablonski (2002),

cada vez mais, estudos na área das ciências sociais tendem a ser interdisciplinares, uma vez que isolar um conhecimento do outro significaria desprezar um saber complementar e indispensável, quando o que se tem em foco é o relacionamento humano (p.36).

Para tal, relacionamos os dados coletados em pesquisas bibliográficas no que diz respeito às relações afetivas e suas características (como divórcio, recasamento, sexualidade e divisão de papéis), com o que foi obtido através da análise de duas peças do teatro contemporâneo: *Intimidade Indecente*, de Leilah Assumpção, e *Batalha de arroz num ringue para dois*, de Mauro Rasi.

A escolha das duas peças tidas como referencial para esta pesquisa se deu, principalmente, devido ao grande sucesso que fizeram tanto em termos de crítica quanto de público, mas também por se tratarem de dois textos escritos em épocas diferentes, sob gêneros dramáticos diferentes e que levantam questionamentos extremamente relevantes e atuais acerca da conjugalidade contemporânea.

A peça *Intimidade Indecente*, escrita por Leilah Assumpção em 2001, está em cartaz há três anos e meio e, até janeiro de 2005, já havia sido assistida por mais de 290 mil pessoas. Com o texto, Leilah Assumpção ganhou o prêmio de melhor autora da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) em 2001.

Já Mauro Rasi escreveu *Batalha de arroz num ringue para dois* em 1984, tendo sido encenada pela primeira vez em 1985. Em fevereiro de 2003, a peça re-estreu no Rio de Janeiro e já foi assistida por mais de 300 mil espectadores.

O grande sucesso que experimentaram as peças aqui analisadas, especialmente em termos de público, nos faz crer que os temas abordados causaram grande impacto nos espectadores. Por acreditarmos que o teatro, além de funcionar como um “espelho da sociedade”, pode apontar possíveis caminhos para a resolução de conflitos, presumimos que tais peças vêm provocando imensa identificação com o público que as assiste.

A opção feita aqui não é a de analisar as encenações das obras dramáticas, e sim de analisar somente os textos. Isto porque, quando uma peça é encenada, constitui-se um espetáculo, no qual diversos outros elementos passam a ser tão relevantes –ou mais, dependendo da escolha do diretor - que o próprio texto. Os cenários, figurinos, iluminação, e até mesmo a interpretação dos atores, pode priorizar um ou outro aspecto do texto, em detrimento de um terceiro. Aqui, o que nos importa é o texto, aquilo que é dito pelas personagens e que é passado delas para o público. Vale salientar, contudo, que devido ao o fato de termos assistido às peças aqui tratadas, é difícil nos despirmos completamente da nossa experiência como espectadores, sendo ainda afetados por ela.

Do que falam essas peças? Quem são suas personagens? Que modelos de conjugalidade elas apresentam? O que expõem sobre assuntos inquietantes como sexualidade, traição, solidão? Com quem exatamente o público se identifica? Essas e outras perguntas são as molas propulsoras desta pesquisa; apesar disso, nosso intuito não é o de respondê-las de forma absoluta, mesmo porque nenhuma obra se esgota em si mesma, e todas elas são providas de vários significados.

No primeiro capítulo desta dissertação, discorreremos sobre as diretrizes teóricas mais relevantes acerca da conjugalidade contemporânea. Inicialmente, escrevemos sobre os novos papéis de gênero e suas relações de poder. Logo, então, buscamos traçar um breve percurso pelo qual atravessou o casamento no Brasil até chegarmos com o que nos deparamos atualmente, os novos padrões de conjugalidade contemporânea.

Sobre a dramaturgia, escrevemos no capítulo seguinte, no qual partimos, em primeiro lugar, para uma abordagem do teatro enquanto um espelho da sociedade, onde ela se vê e ao mesmo tempo é refletida. Em seguida, nos atemos à definição do que é um texto de teatro, diferenciando-o dos outros tipos de textos literários e mesmo de um espetáculo teatral. Enfim, apresentamos as ferramentas por nós utilizadas na realização da análise das peças, baseadas principalmente na metodologia proposta pelo teórico francês Jean- Pierre Ryngaert.

No capítulo seguinte, analisamos as duas peças em questão, sempre na tentativa de relacionar os dados levantados na pesquisa bibliográfica com os conteúdos revelados nos textos. O intuito, mais uma vez, é o de analisar a relação existente entre a ficção textual e a sociedade na qual ela foi produzida e onde é recebida.